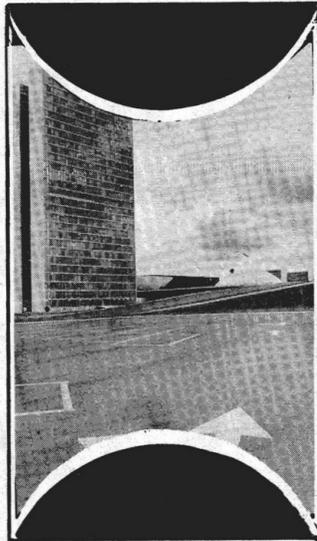
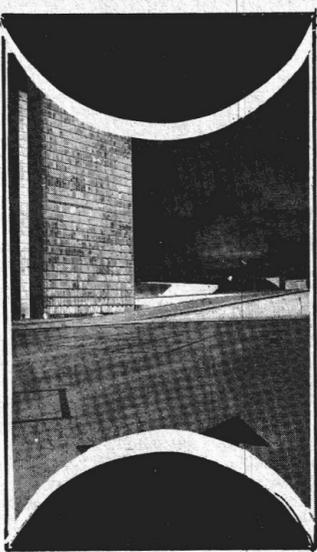


O LAZER E O ESPAÇO PERTURBADOR

Marcílio Farias



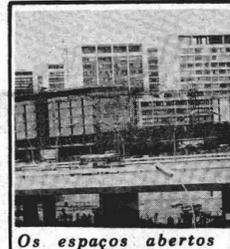
Nos bares, ainda há um certo vazio



Nas quadras, reina o improviso



Opções culturais? O teatro silencioso



Os espaços abertos assustam. Dizem muitos

No táxi o motorista apressado, irritado:

— Essa cidade é terrível. Não tem nada, não se vê nada. Você pode apostar. Ninguém encontra o que quer aqui. Não dá para entender. Até o pequeno, o supérfluo você não encontra. Até uma paleta de violão. É terrível.

Reações como estas se ouvem todo dia em todos os lugares. Assim como o contrário:

— Aqui? Aqui é uma maravilha. Você não precisa se preocupar com nada. Tem de tudo, é como se estivéssemos no Rio ou em São Paulo. Moda, diversões. Até os filmes! E com um detalhe: não há aquele trânsito infernal, cheio de gritos, apertos, empurrões. Você aqui sente mesmo que tem, possui mesmo o tempo. (E com a compensação de não ter nenhuma ladeira...)

A diferença entre os dois tipos de opinião (a segunda é de um oficial da aeronáutica residente numa das mais elegantes quadras de Brasília, a 114) instaura a própria ambiguidade de Brasília. Uma cidade ambígua a partir do próprio nome: Brasil mais o sufixo *lia* de significado bastante flexível (filha de, originária de, distanciada de e por aí vão os conceitos...).

É justamente isso que torna a cidade fascinante e amedrontadora. O que afugenta e afasta. Irrita e consterna. Ou retém e aproxima.

Talvez porque aqui, como no poema de João Cabral, as "horizontais descampinadas" cristalizam o próprio conceito de cidade. A própria dimensão do "concreto".

Re-tendo o conceito na sua constituição, a cidade impõe aos habitantes um referencial novo, plurívoco. Os apelos então são os mais diversos.

Certa vez ouvi Clarice Lispector dizer: "Brasília não lhe agride, não lhe suga nem esmaga. Não lhe exige o corpo, o pensamento, o seu tempo e todos os seus dias. Você não participa dela. Não briga com ela. Nem a assusta."

E estava bem dimensionada toda a revolução conceitual da cidade.

O próprio Max Bense em visita à cidade lá por 65, 66 (não recordo bem) divisava na forma urbana um desafio enigmático. E é isso

que se vislumbra na cidade: o enigma.

Um conflito natural, espontâneo que surge do funcionalismo da urbi. E ao mesmo tempo da contradição entre a forma e o que ela expressa, isto é, contém (conteúdo forma).

Em Brasília existe: a cidade, o habitante, o conceito.

E é justamente no último membro do trinômio que está, penso, todo o conflito. O conceito.

Inegável dizer-se que qualquer movimentação humana se faz no plano do conceitual. Não é preciso empreender qualquer retrospectiva do pensamento ocidental para descobrirmos que os conceitos estão se sobre-pondo ao fato.

No caso de Brasília o que se verifica é a aduplicidade.

Há o conceito de Brasília. A este soma-se o conceito de habitante virtual de Brasília (habitante real) e o conceito que este habitante tem de Brasília (um conceito que de maneira alguma vai ao encontro daquele conceito virtual).

Com esse labirinto (ou quadrado perfeito) o habitante real (e que caracteriza o fato Brasília como coisa existente) da cidade está plenamente "capacitado" a se degladiar com o conceito. O

que de certa forma é uma luta contra (e com) a cidade. Só que no caso citado por Clarice, a agressão mútua homem-cidade ocorre pela incorporação que o indivíduo opera, "diluindo-se na grande cidade" (para usar a expressão tão feliz de Caetano Velloso).

Os conceitos que emergem da virtualidade de Brasília são revolucionários. Quanto a isto não resta a menor dúvida. Mas os conceitos reais (do habitante em

face a cidade) trazem no fundo as mais irascíveis imagens conservadoras. Quando não, trazem o sedimentado da vivência urbana: gigantismo da luta, da violência ou o alívio que chega com o cansaço.

Examinando rapidamente um dos questionários da pesquisa do Suplemento, me deparei com isto:

— Procuo criar alguma coisa a partir deste nada — ou a partir de mim mesma, das minhas po-

tencialidades que Brasília me obriga a descobrir, a sacudir.

Mais adiante:

— Em Brasília acho que, ou a gente reage e cria, ou então morre afogado no espaço.

Evidencia-se aqui a espécie nova de luta que se estabelece entre a cidade (espaço) e o homem (criador). Como espaço, a cidade pré-dispõe ao caminho. Não é prisão. É cheia das "portas por onde" de João Cabral. É disponibilidade.

O homem em Brasília (e aqui convergem todas as espécies de interpretação, com todas as variáveis socio-econômicas possíveis) se vê diante de um equilíbrio funcional. Um equilíbrio que o põe bem perto (física, topográficamente) da "realidade" do horizonte. Ele vislumbra.

Lógico está que o espaço é um componente essencial para a decodificação de Brasília. É o pre-suposto maior da cidade. Do seu código. A noção horizontal é o grande dilema. Nela se configuram problemas que vão da nostalgia da província (no sentido etimológico) às preocupações de ordem social, econômica.

(Ou o satelitismo da cidade não está incluído no "espaço" indagador da cidade?..)

Vemos então que a preocupação com viver em Brasília está ambientada (e, quem sabe, resolvida) na perspectiva do código, do significado da cidade diante de seu apelo maior: o espaço físico. A adequação do homem ao meio se dilui e convulsiona pois está nessa impertinência a razão de ser do "revolucionário" que impregna o conceito.

Viver então incorpora-se ao mistério do cortejo que acompanha o próprio conceito. Torna-se tão consistente quanto enigmático. E adquire a urgência da ânsia do horizonte. Talvez porque na ideia de vida do habitante real haja uma projeção dos anseios na "tela aberta" do horizonte. E ele veja o seu anseio de vida a medida em que "caminha" tendo a sua frente o "descampinado".

E não é atoa que a cidade tem uma espécie de mística própria: de por-vir, de esperança, de resolução que no fundo são as ambiências do anseio!

Os elementos acessórios (diversões, opções culturais) são como que índices, sinais desse anseio. Um desejo de estabelecimento. De quietude física e emocional. Mas sempre um anseio. Daí a nostalgia da provincialidade original, da "agressão" da grande cidade, do intercurso de amor e violência que envolve e absorve o ser humano na polis agigantada.

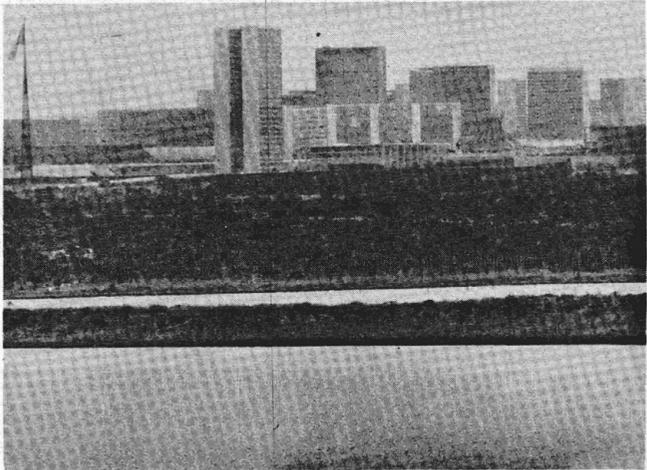
As soluções não possuem o revelador da indagação. E é na indagação que os problemas se configuram como fatos e não como conjecturas.

Diante de nós se abre (como leque) uma porta de indagações. E no umbral ressoa, aproximando-se e afastando-se a cidade. Nela não só o nome mas o conceito. E na vivenciação de ambos, (harmonia que se adentra mutuamente) está a compreensão, isto é, a descoberta das possibilidades de vida.

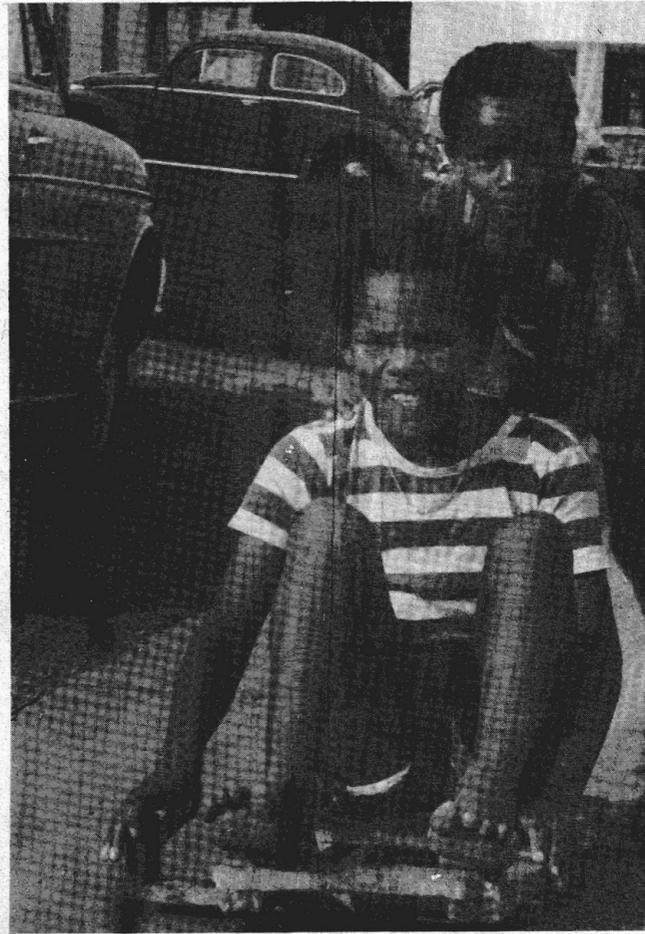
Só nesse horizonte é que se pode entender a cidade, o homem e todos os problemas decorrentes (sociais, ou econômicos).

Os desníveis tornam-se além do simples contorno. E dimensão maior (terra-e-nome) da vivência vira palpável.

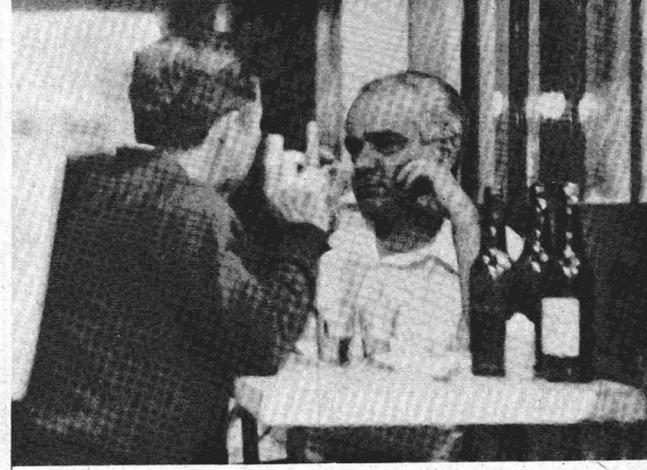
A cidade se descobre e se desvela.



Mais que a vida, é o choque entre os conceitos...



...que transforma toda a força da cidade...



...enigma e mistério.